

UMA PERSPECTIVA DA RELAÇÃO ENTRE JORNALISMO E LITERATURA: ESTUDO DE CASO DA REVISTA *SUPERINTERESSANTE*¹

LUIZA DE LIMA HENNEMANN²

Palavras-chave: Jornalismo. Literatura. Revista *Superinteressante*.

Resumo

Esta pesquisa busca identificar características do Jornalismo Literário em três matérias especiais da revista *Superinteressante*, de acordo com a propostas do autor Felipe Pena (2006). Utilizamos a Teoria Literária, conceitos de Jornalismo Literário e a convergência e laços entre Jornalismo e Literatura. A metodologia aplicada parte de bibliografias e pesquisa qualitativa para o estudo de caso. Desta forma, estuda o jornalismo literário, a convergência acerca das técnicas utilizadas na prática do jornalismo e a forma como é a escrita literária, no que diz respeito aos temas relevantes e de interesse social. Após as análises realizadas nas matérias, conseguimos confirmar a presença da narrativa literária nestes textos jornalísticos. Podemos observar, portanto, que apresentam a utilização dos recursos literários. Desta forma, comprova que jornalismo e literatura podem trabalhar juntos.

1. Introdução

O Jornalismo Literário é um estilo que mescla o texto jornalístico com o literário. Traz como objetivo elaborar reportagens mais detalhadas, profundas e apresenta um trama textual mais humanizada. Este jornalismo escapa do tradicional. Ele nos revela um ambiente que está escondido das matérias produzidas do dia a dia, expõe um outro pensamento e ângulos em relação à realidade. Desta forma, o Jornalismo Literário é uma combinação de literatura, jornalismo e história, desenvolvido através de muita seriedade.

Dito isso, este trabalho tem como objetivo explorar alguns teóricos e escritores/jornalistas, que compreendem o jornalismo literário, a fim de determinar as relações existentes entre ao jornalismo e a literatura. Nesse sentido, o problema da pesquisa, é quais características da literatura estão presentes nas reportagens da revista *Superinteressante*? As reportagens são produzidas de acordo com a Estrela de Sete Pontas, teoria construída pelo autor

Felipe Pena? Tomaremos como base para responder a esses questionamentos os conceitos de Teoria Literária, do New Journalism, e do Jornalismo Literário, especialmente dos estudos de Pena (2006). A análise proposta é delimitada a três reportagens da *Superinteressante*, sendo elas: *Campos de concentração na China*, por Tiago Cordeiro e Bruno Garattoni, publicada na edição de janeiro de 2021, *O gambito do rei*, por Rafael Battaglia, publicada no mês seguinte, em fevereiro de 2021 e *Novichok: O veneno secreto*, de Bruno Garattoni, cuja publicação ocorreu em março de 2021.

Para atingir ao objetivo de verificar as características do jornalismo literário presentes nas reportagens informadas acima e se os textos apresentam a Estrela de Sete Pontas na sua construção, a pesquisa busca investigar os recursos que são utilizados para criar a narrativa literária, através do jornalismo ao produzir seus textos.

Esta pesquisa trata, portanto, da percepção da ideia de jornalismo literário. Ressaltamos, que o jornalismo literário ainda está sendo construído e queremos mostrar a importância de refletir sobre a forma de se produzir um texto que chame a atenção do leitor por ter uma história bem contada, um texto bem construído, expondo, especialmente, os métodos literários associados aos fundamentos jornalísticos.

Para chegar aos resultados esperados, a metodologia utilizada parte de bibliografias acerca do gênero do jornalismo literário e da relação entre o jornalismo e literatura, a partir da sua contextualização, através do método qualitativo descritivo. Na análise de conteúdo, técnica escolhida para pesquisa, serão coletados trechos das três reportagens acima citadas para verificar as características da literatura presentes nos textos, relacionando com as teorias estudadas.

A revista *Superinteressante*, da qual coletamos as três matérias para análise, iniciou em 1987, quando a Editora Abril comprou os direitos da revista espanhola *Muy Interesante*, para publicar no Brasil. A ideia seria apenas traduzir a revista para o português e imprimir com o fotolito utilizado na Espanha. Porém, o tamanho do fotolito do Brasil era diferente do espanhol, e foi através deste pequeno detalhe, que o Brasil começou a produzir suas próprias matérias e a fornecer as suas publicações pelo mundo (SUPERINTERESSANTE, 2016).

Esta pesquisa está dividida em quatro partes: iniciaremos abordando a Teoria Literária, acerca do seu conceito e o posicionamento de teóricos como Austin e Wellek (2003), Eagleton (2006), Zilberman (2008) e Amora (1973).

Na segunda parte, realizaremos uma reflexão sobre os pontos de ligação e convergência entre o jornalismo e a literatura, expostos conforme autores como Bulhões (2007), Ritter (2011), Menezes (1997) e Olinto (2008).

Na terceira parte, buscaremos apresentar um breve panorama do New Journalism, como princípio do jornalismo literário e apresentar a sua influência neste conceito de jornalismo, através de autores como Borges (2013), Lima (2016) e Resende (2002).

Já na quarta parte, abordaremos o jornalismo literário em torno do conceito de Felipe Pena (2006), apresentando a estrela de sete pontas e examinando referências a respeito do jornalismo literário e suas formas de identificar suas perspectivas, também a partir de autores como, Lima (2016) e Faria (2011). Depois disso, procederemos a análise propriamente dita e as conclusões para responder aos objetivos propostos.

2. Teoria literária

Iniciaremos este capítulo com uma pergunta simples: 'O que é literatura?' Certamente a pessoa questionada achará que a pergunta é bem óbvia. Para Souza (2007, p. 7), a resposta do indivíduo seria a seguinte: "Bem, literatura é uma obra escrita, quero dizer, um romance, um livro de poesias, ou de contos". Respostas como essa não respondem de fato à pergunta e limitam-se apenas em exemplos, correspondendo uma espécie de noção difusa e naturalizada da literatura.

Difusa porque o vocábulo "literatura", segundo tais respostas, não corresponderia a um conceito, isto é, a algo abstrato, definido ou delimitado, antes ilimitando seu alcance, por cobrir inumeráveis exemplos mais ou menos semelhantes entre si; e naturalizada porque corresponderia a uma idéia comunitariamente admitida como tão normal, tão natural, que não pode encerrar nenhum problema, o que destitui de toda pertinência e sentido a pergunta. (SOUZA, 2007, p. 8)

Portanto, partimos de um princípio em que a literatura é um objeto de problematização, preparada para revelar o posicionamento à qual ela condiz, não sendo apenas uma noção óbvia. A literatura requer a formação de uma teoria, ou seja, a literatura é um objeto merecedor de estudo. Para (Souza, 2007, p. 10), em outros termos, o que problematiza pela primeira vez a literatura é a própria literatura. Verificando a origem da teoria da literatura, ela pode ser retratada da seguinte forma:

A origem da literatura é o ensinamento dos deuses; sua natureza consiste em ser uma narrativa dotada de especial poder de encantamento; sua função é reconstituir com fidelidade as ações dos heróis, decorrendo dessa tríplice determinação a elevada consideração de que o poeta desfruta na comunidade. (SOUZA, 2007, p. 11)

Visto que a literatura é um objeto de estudo, nos convém fazer a pergunta: o que estuda a literatura? Se formos averiguar os livros e títulos de obras, iremos encontrar, poética, crítica literária, história da literatura, entre outros. Todas elas desenvolvem a literatura, contudo cada uma expõe diferentes abordagens, ou seja, cada uma com sua característica. Souza acrescenta três denominações, estética, retórica e a palavra literatura.

Retórica e estética figuram como adendo à lista inicialmente apresentada porque são termos que nomeiam disciplinas que não tratam exclusivamente da literatura. A retórica a princípio se ocupa com o problema do poder de persuasão de que se pode investir a linguagem verbal, tratando inclusive da linguagem literária. A estética se interessa pela arte em geral e pelos fenômenos de percepção, sensibilidade e inteligência por ela implicados. (SOUZA, 2007, p. 19-20)

Souza cita em sua obra que até onde conseguiu apurar, o termo teoria da literatura foi utilizado a princípio em dois títulos russos, *Notas para uma teoria da literatura* (1905), de Alexander Portebnia, e *Teoria da Literatura* (1925), de Boris Tomachevski. Entretanto, o termo recebeu prestígio e foi definitivamente difundido, em 1949, com o livro *Teoria da literatura*, obra escrita pelo austríaco René Wellek e pelo norte-americano Austin Warren.

Para os autores Wellek e Warren (2003, p. 12), os conhecimentos da história da civilização revelam os estudos literários.

Outra maneira de definir literatura é limitá-la aos "grandes livros", livro que, seja qual for o seu tema, são "notáveis pela forma ou expressão literária". [...] na poesia lírica, no teatro e na ficção. [...] Essa é uma maneira comum de distinguir ou falar de literatura.

Para resolver esta questão de maneira simples, é preciso diferenciar o uso da língua na literatura. Como apresenta os autores:

Especialmente ao definir a distinção entre a linguagem literária e a linguagem cotidiana. O problema é crucial e não é, de maneira nenhuma, simples na prática, já que a literatura, ao contrário das outras artes, não possui um veículo exclusivo e já que, sem dúvida, existem muitas formas mistas e transições sutis. (WELLEK e WARREN, p. 14, 2003)

O mais complicado é determinar a diferenciação entre a linguagem literária e a cotidiana. A cotidiana não detém de um conceito regular, pois abrange variantes muito amplas, ainda segundo Wellek e Warren (2003, p. 16):

Ela inclui variantes tão amplas como linguagem coloquial, a linguagem do comércio, a linguagem oficial, a linguagem da religião, o jargão dos estudantes. Obviamente, porém, muito do que se disse sobre a linguagem literária é válido para os outros usos da linguagem, exceto o científico. [...] A linguagem cotidiana está cheia de irracionalidade e mudanças contextuais da linguagem histórica, embora existam momentos em que almeje quase a precisão da descrição científica. Apenas ocasionalmente. [...] mas seria falso limitá-la meramente à comunicação.

Outra dupla abordada pelos autores é a "ficção" e a "verdade", que, para eles, é o oposto de ficção, não é a verdade, mas sim, o "fato" ou a "existência no tempo e no espaço" (WELLEK e WARREN, 2003, p. 30). O "fato" é mais estranho do que a probabilidade com que a literatura deve lidar. Entre as artes, a literatura, especificamente, parece também reivindicar "verdade" por meio da visão de vida (*Weltanschauung*) que toda obra artisticamente coerente possui.

Existem muitas investidas para definir a literatura. Na visão do autor Terry Eagleton (2006, p. 1), "é possível, por exemplo, defini-la como a escrita 'imaginativa', no sentido de ficção - escrita esta que não é literalmente verídica. Mas se refletirmos, ainda que brevemente, sobre aquilo que comumente se considera literatura, veremos que tal definição não procede".

A distinção entre a "ficção" e o "fato", contudo, não aparenta ser muito proveitosa, para Eagleton (2006, p. 2), pois "uma das razões para isso é que a própria distinção é muitas vezes questionável".

No inglês de fins do século XVI e princípios do século XVII, a palavra "novel" foi usada, ao que parece, tanto para os acontecimentos reais quanto para os fictícios, sendo que até mesmo as notícias de jornal dificilmente poderiam ser consideradas fatuais. Os romances e as notícias não eram claramente fatuais, nem claramente fictícios, a distinção que fazemos entre estas categorias simplesmente não era aplicada.

Mesmo nos dias de hoje, muitas obras são lidas como "fato" por algumas pessoas e por outras, como "ficção".

Além disso, se a "literatura" inclui muito da escrita "fatural", também exclui uma boa margem de ficção. As histórias em quadrinhos do Super-homem e os romances de Mills e Boon são ficção, mas isso não faz com que sejam geralmente considerados como literatura, e muito menos como Literatura. (EAGLETON, 2006, p. 2-3)

Para Eagleton (2006, p. 3), a Literatura pode ser definida não por ser "imaginativa" ou ficcional, mas por utilizar a linguagem de maneira particular. Segundo essa teoria, "a literatura é a escrita que, nas palavras do crítico russo Roman Jakobson, representa uma 'violência organizada contra a fala comum'. A literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana". O autor refere-se a uma categoria de linguagem que chama atenção a si própria e expõe sua vivência material.

A obra literária não era um veículo de idéias, nem uma reflexão sobre a realidade social, nem a encarnação de uma verdade transcendental: era um fato material, cujo funcionamento podia ser analisado mais ou menos como se examina uma máquina. Era feita de palavras, não de objetos ou sentimentos, sendo um erro considerá-la como a expressão do pensamento de um autor. (EAGLETON, 2006, p. 4).

Muitos textos já nasceram literários, outros com o tempo acabaram tornando-se literários. Alguns atingem a forma literária por uma situação que lhe foi colocada.

Sob esse aspecto, a produção do texto é muito mais importante do que o seu nascimento. O que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram. Se elas decidirem que se trata de literatura, então, ao que parece, o texto será literatura, a despeito do que o seu autor tenha pensado. (EAGLETON, 2006, p. 13).

Desse modo, é possível pensar na literatura não como característica inerentes, ou como um grupo de qualidades exibidas por alguns escritores, como pelas diversas maneiras as quais as pessoas relacionam-se com a escrita.

Não seria fácil isolar, entre tudo o que se chamou de "literatura", um conjunto constante de características inerentes. Na verdade, seria tão impossível quanto tentar isolar uma única característica comum que identificasse todos os tipos de jogos. Não existe uma "essência" da literatura. (EAGLETON, 2006, p. 13).

Com essa observação, a "literatura" é uma gênero de escrita bastante reconhecida e admirada. Entretanto, há um efeito bem avassalador, na avaliação de Eagleton (2006, p. 16):

Significa que podemos abandonar, de uma vez por todas, a ilusão de que a categoria "literatura" é "objetiva", no sentido de ser eterna e imutável. Qualquer coisa pode ser literatura, e qualquer coisa que é considerada literatura, inalterável e inquestionavelmente - Shakespeare, por exemplo-, pode deixar de sê-lo.

Alguns gêneros de ficção são literatura e outros não. A literatura pode preocupar-se consigo, em seu aspecto verbal, mas muita retórica acaba não sendo literatura. Para Zilberman

(2008), os dias de hoje são ricos de poemas conhecidos, contudo, não significa que eles sejam da Literatura. Segundo Zilberman (2008, p. 8), "portanto, o termo Literatura pode ser um tanto inexato para definir seu material, tendo de ser utilizado com ressalvas para não excluir as ricas manifestações poéticas de exclusiva circulação oral".

A Teoria da Literatura deve, contudo, colocar-se diante das indagações relacionadas à oralidade e à escrita, bem como, diante a leitura e da audição de poemas e textos. "Se a Literatura não foi sempre igual, pode-se facilmente concluir que os modos de pensá-la foram igualmente muito diversificados. Com efeito, ela não foi estudada sempre da mesma maneira" (ZILBERMAN, 2008, p. 8).

A autora traz algumas ações que objetivam e apontam características da literatura, e o que ela revela enquanto manifestação da linguagem:

- é preciso identificar o que pertence e o que não pertence à literatura, que somente será considerada um objeto específico caso se diferencie do que não é literatura, ainda que empregue a linguagem verbal ou apresente situações ficcionais;
- A seguir, cabe examinar as características dos produtos identificados como literários – algumas dessas características podem ser comuns a todos, mas outras são bastante distintas, com o que se estabelecem as diferenças entre os gêneros literários, agrupando-os a partir dos elementos semelhantes que compartilham entre si;
- é importante esclarecer o que se considera a qualidade dos produtos classificados como literários, afinal, a literatura é uma manifestação artística e para que algo seja considerado arte é preciso que tenha um valor – alguns valores podem ser encontráveis em todas as obras literárias e outros são específicos dos gêneros literários, competindo à Teoria da Literatura definir quais são eles nas duas circunstâncias;
- as obras literárias, valendo-se da linguagem verbal, incorporam uma de suas propriedades – a comunicação –, sendo mister, pois, buscar o que as obras comunicam a seu leitor, interpretando o que dizem e verificando como procedem à transmissão de idéias. (ZILBERMAN, 2008. p. 9).

É dever da Teoria Literária, portanto, realizar essas atividades, porque esperamos descobrir quais são os seus significados, e verificar o que ela quer dizer.

Partindo para a visão de Amora (1973, p. 53), esta destaca que a literatura diferencia-se da não-literatura por meio da sua forma e por seu conteúdo. "As características essenciais da obra literária são duas: um conteúdo intuitivo e individual e uma forma produto da criatividade expressiva do artista".

Em princípio, para Amora (1973, p. 52), o que caracteriza a obra literária é o seu conteúdo. Esse conteúdo não se confunde com o das obras de Ciências Humanas e Naturais (conhecimento racional e universal); pois "se é semelhante ao conteúdo, dele se distingue por ser fruto de uma intuição mais profunda e original da realidade".

O conteúdo das obras literárias são grupos de imagens e ideias da realidade, de acordo com Amora (1973. p. 84). Como dizem alguns teóricos da literatura, “é uma supra-realidade”. Isso porque, uma vez em nossa consciência, exerce em nosso psiquismo efeitos semelhantes aos que exerceria a realidade que ela reproduz.

Entre o conteúdo de uma obra literária e a realidade não há uma relação de igualdade mas, indiscutivelmente de equivalência; e a êste propósito não é demais lembrar que, no fim das contas, a supra-realidade, porque produto da arte de ver e de dizer, do escritor, atua mais profundamente em nosso psiquismo que a própria realidade, de vez que não temos, para captá-la, nem a sensibilidade, nem a intuição do artista. (AMORA, 1973, p. 84-85)

Cada um de nós, possuímos um estilo diferente, desta forma, é difícil, por vezes compreender algumas obras, sejam elas faladas ou escritas, devido ao seu estilo. Para Amora (1973. p. 108), “se uma análise estilística exige métodos de trabalho sistemáticos, não quer dizer que, na prática, não estejamos constantemente a fazer (não importa que em termos empíricos) análises estilísticas das obras que lemos e da linguagem das pessoas que nos falam”.

Devemos concluir que a Teoria Literária, assim como qualquer outra matéria, exige conhecimento e muito estudo. Amora (1973. p. 157) afirma que “cultura geral não é enciclopedismo, mas apenas uma orientação em vários ramos do saber”. Seu objetivo não é formar um especialista no assunto, mas sim orientar os estudiosos e leitores nesta área de atuação. A partir desses estudos trazidos nesta seção, na seguinte abordaremos a relação do jornalismo com a literatura.

2.1 Jornalismo e Literatura

O jornalismo e a literatura são áreas de escrita que possuem uma finalidade diferente. No entanto, elas partilham pontos de ligação, sendo a narratividade um deles. A ação de relatar histórias atravessa a existência do ser humano. Embora o meio se modifique com o tempo, é a partir das narrativas que os conhecimentos serão propagados, conforme exposto por Bulhões (2007, p. 40).

Um ponto essencial da confluência de gêneros do jornalismo e da literatura, sem dúvida, atende pelo nome de *narratividade*. Produzir textos narrativos, ou seja, que contam uma sequência de eventos que se sucedem no tempo, é algo que inclui tanto a vivência literária quanto a jornalística. E a narratividade possui conexão estreita com a *temporalidade*, o que significa dizer que se contam eventos reveladores da passagem de

um estado a outro [...] tanto literatura como jornalismo atuam como expedientes de conhecimento do mundo, sendo que a experiência literária parece preferir conhecer o mundo por meio da prática imaginativa e alegórica, a qual não é necessariamente menos “verdadeira” que a alternativa jornalística.

A partir de então, aparecem diversas semelhanças entre o jornalismo e a literatura, como, por exemplo, a brevidade narrativa, que ocupa tanto a notícia e a reportagem quanto o conto (RITTER, 2011, p. 7), por exemplo. “É na reportagem que os frutos do cruzamento com o conto podem render mais” (BULHÕES, 2007, p. 42). Desta forma, a reportagem é o gênero mais criativo do texto jornalístico. De tal maneira, o jornalismo e os romances realistas repartem aspectos de maneira comum:

Como o romance realista, o jornalismo recorre a uma circulação plural de memórias e discursos, a formas estabilizadas de relato, a uma organização da notícia em torno de pessoas e das suas circunstâncias expressa no *lead* canônico da informação, onde são obrigatórios os elementos *quem, o quê, onde e quando*. (PONTE, 2005, p. 47)

Entretanto, ainda que exista uma intensa ligação entre o jornalismo e a literatura, Bulhões (2007, p. 11) apresenta distinções entre esses gêneros, havendo, assim, um distanciamento que os faz separar. Para o autor, de maneira concisa, o jornalismo contém tais particularidades:

De modo provocativo, pode-se dizer que o jornalismo possui uma natureza presunçosa. Definindo-se historicamente como atividade que apura acontecimentos e difunde informações da atualidade, ele buscaria captar o movimento da própria vida. Seria da natureza do jornalismo tomar a existência como algo observável, comprovável, palpável, a ser transmitido como produto digno de credibilidade. Com isso, prestaria - ou desejaria prestar - uma espécie de testemunho do real, fixando-o e ao mesmo tempo buscando compreendê-lo. É tentador (embora imprudente) afirmar que, em certo sentido, ele tem algum parentesco com a História. Seria, então, o jornalista uma espécie de historiador da vida contemporânea, diariamente compartilhada.

Para Bulhões (2007, p. 13-14), “não existe caminho para a literatura que seja um desvio do próprio texto literário”. O autor inclui que não tem como substituir o texto literário: “Se há um universo na literatura a ser informado, ele só importa como algo a ser informado, ou seja, configurado em uma forma especial que lança uma experiência que não existia. Nesse sentido, todo o texto literário cria um novo mundo, o mundo da linguagem que ele produz”.

Segundo Ritter (2011, p. 5), “seguindo a mesma linha de raciocínio, no caso da literatura, as palavras não estão colocadas no texto para transmitir um acontecimento nem para

abstrair a realidade em conceitos”. O que está em questão é que elas constroem uma realidade centrada no modo com que se arranjam, se articulam e se movimentam.

Para Ritter (2011, p. 6), a noção de objetividade e credibilidade são aspectos apontados como dicotomia entre o jornalismo e a literatura.

Na literatura, habita o espaço permissivo da ficcionalidade. No entanto, no que se refere à linguagem, a literatura pode possuir, sim, como objetivo, a transmissão de uma ficção como se ela fosse o mais real possível, valendo-se, assim, da linguagem clara e objetiva do jornalismo.

Contudo, algumas propriedades da linguagem literária, como a polissemia e a ambiguidade, não entram no texto jornalístico. É a partir do *New Journalism* que a linguagem jornalística começa a ganhar uma nova maneira de ser escrita, como veremos mais adiante.

Na visão do autor Fagundes de Menezes (1997), podemos falar que o jornalismo propõe-se escolher e captar fatos, e reformulá-los em notícias para um público que está cada vez maior ou para um determinado público. Para Menezes (1997, p. 19), "para que o público se sensibilize ante a notícia, é preciso que o estilo jornalístico seja, tanto quanto possível, agradável e atraente".

Seguindo essas definições, podemos concluir quais são as diferenciações que existem entre o jornalismo e a literatura. De maneira intencional, não existe fronteira que os demarque. Para Menezes (1997, p. 19), não há um divisor de águas entre jornalismo e literatura. "Demarcação rígida, nítida, entre os dois, possivelmente não existe. Diferenciações também encontramos na literatura propriamente dita, na literatura em sentido estrito".

Na citação do autor, encontramos diversos pontos de afinidade entre a literatura e o jornalismo.

Se dizemos que a literatura é a transposição do real, enquanto que o jornalismo é a realidade em si mesma; se argumentamos que na literatura há o sentido de permanência, ao passo que o jornalismo se prende ao cotidiano, ao efêmero; se afirmamos que o jornal não dura, e o livro sim; se ponderamos que o escritor cria e expressa seus próprios pensamentos, enquanto o jornalista exprime os sentimentos, as reivindicações da comunidade mesmo tempo em que verificamos essas distinções. (MENEZES, 1997, p. 20)

Observamos que algumas características que são concedidas ao jornalismo, tem a finalidade de diminuí-lo diante da literatura. Para Menezes (1997, p. 20), "a verdade é que muitas deficiências, defeitos de que se acusa jornalismo, são próprios do subjornalismo. Como os que se atribuem à literatura são inerentes à subliteratura".

Mas nada impede que um verdadeiro escritor possa transformar-se em um legítimo jornalista. O jornalismo auxilia muitos escritores a melhorarem o seu estilo, como no equilíbrio e na sobriedade. Segundo Menezes (1997, p.22), "os jornais se aproximam hoje das revistas como as revistas dos livros. E com isso se transformam, cada vez mais, em instrumentos de um autêntico gênero literário".

Atualmente o que nós vemos é uma intercomunicação entre o leitor e o jornal, sendo esta uma ligação cada vez mais forte, entre o transmissor da notícia e o receptor.

O jornalista vem, através dos tempos, aperfeiçoando, seus métodos de comunicação com o público, com o qual se faz entender nas entrelinhas, quando não pode fazê-lo nas linhas, no texto puro e simples, explícito, despojado de qualquer artifício. O estilo jornalístico, sem as exigências do estilo literário propriamente dito, passa a obedecer a outras exigências. Sem se afastar da simplicidade, sem excluir a precisão informativa, o jornalista se vê, entretanto, compelido a usar frequentemente uma linguagem desnecessária em fases de ampla liberdade de informação. (MENEZES, 1997, p. 26-27)

Por meio da imprensa, nós também temos a literatura política e o humorismo que, apesar de ser jornalismo, ele não deixa de ser um estilo literário.

No ponto de vista do autor Antonio Olinto, o jornalismo foi intitulado de "literatura sob pressão". Para Olinto (2008, p. 13), pressão do tempo e pressão do espaço. Em todo o mundo, a cada instante, os cultores desse tipo de literatura lançam palavras sobre o papel, com preocupação do tempo que passa e do espaço que é limitado.

Por mais complicado que seja, o jornalismo possui as mesmas oportunidades que a literatura, que é realizar obras de arte. O que ocorre entre eles é que o jornalismo seria uma literatura para ser consumida imediatamente, ou seja, uma literatura provida de funcionalidade, e muito necessária. Para Olinto (2008, p. 15), o que tortura o jornalista é a própria permanência:

Ligado ao tempo que flui, à notícia que, um dia depois, é capaz de perder força, sente-se preso ao imediato, à transitoriedade. É preciso, contudo, que ele compreenda o que é notícia. Num plano mais alto, notícia, mensagem, reportagem, é tudo o que, insuflando-se nas palavras, busca uma comunicação, desde a declaração de amor de um adolescente até a descrição da morte de Christmas feita por Faulkner.

Em consideração ao objeto, o jornalista elabora a mais influente das opiniões. Assim como o romancista, ou como o poeta. Para Olinto (2008, p. 24), o artista que universaliza um pedaço da realidade, que o aceita, que se deixa dominar por ele, dominando-o, no entanto, para poder transformá-lo em palavras, está ficando um marco no pensando de todos os que entram em contato com a sua obra.

Para o autor, o problema da opinião, é mais estático. O jornalismo, às vezes, tem uma tendência em ser panfleto, já a literatura vai pelo caminho do não-compromisso. Para Olinto (2008, p. 25):

O importante é que se compreenda o fenômeno da criação que, inicialmente, é o mesmo em qualquer arte e, principalmente, em qualquer arte que tenha palavra. O que, no jornalismo, passa por grande obra, com enorme sucesso junto ao público, é, muitas vezes, coisa efêmera, levada a um nível mais alto por uma circunstância passageira. Acontece o mesmo na literatura.

Neste século, a literatura está expondo muitas obras no estilo de reportagem. Em algumas obras, o livro é apenas um apanhado de produções já divulgadas em jornais, tornando-se comum também ser um trabalho para o livro. Contudo, idealizado nos modos jornalísticos. Para Olinto (2008, p. 33), os livros de memórias, as narrativas ou relatos de movimentos políticos e revolucionários também podem ser enquadrados na classe do jornalismo em forma literária.

Toda reportagem é um conto, ou seja, o jornalista escreve baseado em fatos reais. E o que importa para os leitores, é o que há de interessante e novo em sua leitura.

A verdade é que uma reportagem pode ter qualquer tom. O importante é que o repórter conquiste uma linguagem pessoal e consiga libertar-se da imitação, porque a obra de arte - seja conto, romance ou reportagem - tem de ser uma mensagem individual, extraída de uma realidade comum a todos (OLINTO, 2008, p. 43).

Muitos romancistas deste século, partiram do jornal e começaram a exercer as palavras, através das reportagens, entrevistas e notícias. Olinto (2008, p. 47-48) destaca que "há, no entanto, um contato tão íntimo entre o poeta e a realidade que esta, pode provocar a identidade de ligeiros aspectos do jornalismo com ligeiros aspectos da poesia".

Independentemente do estilo ou posição do autor, é a partir de sua perspectiva que ele poderá encontrar e descobrir a sua linguagem. E ao escrever as páginas, o autor estará guardando importantes documentos de uma época, como fez o *New Journalism*, que passaremos a tratar na seção seguinte por ser uma referência do encontro entre literatura.

2.2 *New Journalism*

O *New Journalism* é uma denominação jornalística que surgiu nos Estados Unidos entre os anos 50 e 60, por jornalistas norte-americanos que estavam exaustos do padrão de escrita das matérias. Alguns jornalistas como Gay Talese, Truman Capote e Tom Wolfe começaram a converter a escrita para o que conhecemos de *New Journalism*, de modo a influenciar as próximas gerações. Ao passo que os jornalistas avançavam para mais longe do clássico jornalismo, estavam cada vez mais perto do estilo do *New Journalism*, sendo sua maior característica um entrelaçamento entre o jornalismo e a literatura.

Pelo ponto de vista de Bulhões (2007, p. 145), o *New Journalism* não se estendeu a movimento, “pois não despontou com um delineamento de ideias estabelecidas por um grupo coeso de representantes, tampouco elaborou um programa ou um manifesto declaratório de princípios”. Sendo assim, o *New Journalism* foi um ato que sucedeu na realização de um desenvolvimento textual empregado especialmente nos jornais norte-americanos e em algumas revistas, que à princípio eram nomeadas como reportagens especiais divulgadas por jornalistas como Tom Wolfe e Gay Talese, até atingir a narrativa de caráter literário, como o famoso *A sangue frio*, de Truman Capote, até referência dessa forma de descrever um fato.

O *New Journalism* manifestou-se em um momento quando os Estados Unidos e o mundo viviam um período de modificações culturais:

Retrospectivamente, o advento do *New Journalism* revela uma admirável consonância com o espírito transgressor da década de 1960. De fato, é compreensível e ao mesmo tempo revelador situar seu desabrochar no início de um período de profunda transgressão de valores, quando já se ouviam os primeiros *hits* - dos Beatles, dos Rolling Stones, de Bob Dylan - que embalariam um período fascinantemente movimentado, marcado por profundas transgressões comportamentais. (BULHÕES, 2007, p. 146).

Através do *New Journalism*, o jornalismo utiliza a literatura realista e procura nessa linguagem elementos como “a construção da narrativa cena a cena, o uso dos diálogos entre os personagens e o ponto de vista situado no interior de um dos participantes do relato” (BORGES, 2013, p. 251).

Um dos propósitos era precisamente acrescentar mais emoção às narrativas jornalísticas, estimulando o leitor a retratar a realidade de modo mais criativo. A definição de objetividade, inicialmente, não se desliga da escrita jornalística híbrida com literatura, mas pelo contrário, eles convivem no mesmo ambiente. “A objetividade não sepulta a subjetividade e

vice-versa. Promover uma ruptura entre tais registros parece, cada dia mais, uma postura que, ao invés de preservar o que há de verdadeiro no texto, auxilia na camuflagem da real natureza do discurso, obscurecendo-o” (BORGES, 2013, p. 55).

As obras ofereciam ao leitor uma variedade de alternativas. Dentro do *New Journalism* existe a capacidade de o autor transformar o acontecimento em algo um tanto mais atrativo ao olhar dos leitores. Em geral, a narrativa é feita em terceira pessoa. Assim, para que o leitor disfrute das sensações, inclusive identificando-se com alguns personagens.

O que caracteriza o *New Journalism* é uma atitude crítica em relação aos modelos do que ele (Wolfe) chama de “jornalismo totem”. Crítica que encontra sua expressão no experimento estético, carregando o texto jornalístico de referencialidade num movimento oposto ao investimento no conteúdo. A forma do discurso é tratada como artifício e, em nenhum momento se constrói nada que encuba esse estatuto. Isso faz com que a discursividade do *New Journalism* seja uma desconstrução exemplar da objetividade jornalística (LIMA, 2016, p. 13).

Encontra-se também, neste tipo de jornalismo, um maior detalhamento dos acontecimentos, além da especificação do clima e dos sentimentos na ocasião dos acontecidos, sendo a descrição utilizada como meio literário da redação jornalística.

Na discussão acerca da literatura e jornalismo, os dois dividem instrumentos semelhantes para a representação da realidade, embora suas finalidades sejam diferentes. Para Borges (2013, p. 38), na descrição jornalística há alterações específicas da narrativa de histórias, pois “é impossível requerer uma exatidão total quanto ao mundo que se enuncia”.

Logo, a literatura não detém essas apreensões, visto que se encontra baseada na ficção: “Entra-se, portanto, não na seara da imaginação, mas no campo da possibilidade, da interpretação, da reelaboração. Isso é bem diferente da pura invenção. Ainda que ambas se baseiem no mundo observável, os compromissos discursivos permanecem distintos” (BORGES, 2013, p. 38).

A literatura é um dos campos estreitamente associados à cultura, visto que é por meio da cultura e da linguagem que adquirimos significado e sentido para as coisas. Contudo, Hall (2006, p. 19) declara que a cultura não acontece com tal intensidade mediante as coisas (romances, teatro, TV, arte), e sim através de um “conjunto e práticas, isto é, o ‘compartilhamento de significados’, por meio de uma sociedade ou grupo”.

O *New Journalism*, para Resende (2002), veio para desconstruir o discurso que o próprio jornalismo utilizava para sustentar-se. E reconsiderar o modo de fazer jornalismo. Segundo o autor:

Do ponto de vista Comunicação Social, mais especificamente do Jornalismo, o cruzamento com a Literatura não é da ordem do novo, do atual, visto que, já nos primórdios da imprensa, vários escritores ocupavam cargos de jornalistas e vários jornalistas tornaram-se escritores, viabilizando, naturalmente, a produção de textos que se tecem do ambíguo, como a crônica, por exemplo. (RESENDE, 2002, p.58).

Ao citar um trecho de Tom Wolfe em seu livro, diz que o próprio Wolfe determina o surgimento do romance e o aparecimento do Novo Jornalismo: "Eu comecei a notar algo curioso, os primeiros momentos do Novo Jornalismo estavam muito semelhantes a uma volta aos primeiros momentos do romance realista da Inglaterra" (WOLFE, 1973, citado por RESENDE, 2002, p. 61).

Retomando ao que se refere Wolfe:

Se você acompanhar atentamente o progresso do Novo Jornalismo nos anos 60, você verá algo interessante acontecendo. Você verá jornalistas aprendendo as técnicas mais puras do realismo- particularmente do tipo encontrado em Fielting, Smollett, Balzac, Dickens (WOLFE, 1973, citado por RESENDE, 2002, p. 61).

Autores além de Tom Wolfe, como Gay Talese, Truman Capote e Norman Mailer, passavam os dias com as pessoas, as quais eles escreviam suas obras. Para Resende (2002, p. 63), eles queriam estar presentes durante os acontecimentos, próximos do fato, captar diálogos, expressões faciais e outros detalhes dos ambientes, para que pudessem, citando Wolfe (1973), "oferecer aos leitores o que eles tinham, até então, somente na literatura: uma experiência subjetiva e emocional dos fatos narrados".

Wolfe, portanto, auxilia a expansão verbal no qual desempenha, tanto no discurso jornalístico, quanto no literário. Com essas considerações, trazemos a seguir, a abordagem do jornalismo literário, a partir de autores que tratam do tema, em especial Felipe Pena (2006) e seus conceitos da Estrela de Sete Pontas.

2.3 Jornalismo Literário

Para adentrar o Jornalismo Literário, iremos iniciar com o conceito do autor Felipe Pena, em sua obra *Jornalismo Literário*, de 2006, dando destaque para a Estrela de Sete Pontas, que nada mais é do que um conceito utilizado para dar características do jornalismo literário e

potencializar os recursos do jornalismo. São utilizados diferentes itens, todos necessários, que formam um conjunto harmônico, assim como, a Estrela de Sete Pontas.

Assim, em resumo, a primeira ponta serve para potencializar os recursos do jornalismo.

O jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente. (PENA, 2006, p. 13-14).

A segunda ponta propõe ultrapassar as fronteiras dos acontecimentos do dia a dia, de acordo com Pena (2006, p. 14). Para o autor, isso “quer dizer que o jornalista rompe com duas características básicas do jornalismo contemporâneo: a periodicidade e a atualidade. Ele não está mais enjaulado pelo deadline, a famosa hora do fechamento do jornal ou da revista, quando inevitavelmente deve entregar dia reportagem”.

A terceira ponta, é ultrapassar esses limites, assim, proporcionando uma extensa visão da realidade, ou seja, uma visão mais ampla da realidade ao contextualizar a informação de forma mais abrangente possível. Para isso, é necessário dissecar as informações, relacionando-as com outros fatos e perspectivas e situando-as em um contexto histórico (PENA, 2006).

Por mais completa que esta ampla visão seja, não é apenas sobre todo o conhecimento que existe, e sim, a respeito de uma interpretação, um recorte. Diante disso, a preocupação do Jornalismo Literário é dar um contexto à informação, o mais vasto possível. É preciso triturar a informação, criar diferentes perspectivas e conectá-las com outros acontecimentos, ultrapassar os momentos em que aconteceu e foi divulgado.

A quarta ponta é praticar a cidadania, através do conteúdo das reportagens. "Um conceito tão gasto que parece esquecido. [...] É seu dever, seu compromisso com a sociedade. Quando escolher um tema, deve pensar em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade" (PENA, 2006, p. 14).

A quinta ponta corta os laços do lead. O lead nada mais é do que seis perguntas que devem iniciar uma reportagem: Quem? O quê? Como? Onde? Quando? Por quê? Para Pena (2006, p. 15), "é preciso fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias de construção narrativa".

A sexta ponta evita os entrevistados de "plantão", ou seja, aqueles que envolvem algum cargo público ou função especial, sendo eles as fontes oficiais: ministros, governadores,

advogados, psicólogos. Segundo Pena (2006, p. 15), "como não há tempo no Jornalismo diário, os repórteres sempre procuram os personagens que já estão legitimados neste círculo vicioso".

E por último, a sétima ponta, a perenidade. Obras com bases nos princípios do jornalismo literário não podem ser superficiais.

Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência. Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. Para isso, é fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação. (PENA, 2006, p. 15).

A aflição do jornalismo literário é descrever as informações da maneira mais ampla possível, sendo algo difícil no universo do veículo. Ainda de acordo com Pena (2006, p. 14), "é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração".

Depois dessa descrição das sete pontas do jornalismo literário, podemos dizer que os jornalistas produzem literatura por inúmeros propósitos, provavelmente fugir da realidade das notícias seja um deles. No ponto de vista de Lima (2016), tanto o jornalismo convencional quanto o jornalismo literário buscam retratar a realidade de modo não ficcional. Contudo, a finalidade do jornalismo comum é distinto do literário.

Essa diferença de postura básica molda a prática e responde pelo desenho e aplicação dos recursos que cada um emprega para cumprir sua função essencial, em tese. O jornalismo noticioso está muito bem quando entrega ao receptor da mensagem conteúdos que dão conta de informar a realidade imediata. Esta é sua função nobre, este é seu papel fundamental essa é sua promessa implícita à sociedade (LIMA, 2016 p. 2-3).

O jornalismo literário possui uma função mais audaciosa, a de "tecer os liames de compreensão abrangente dos acontecimentos, tendo sempre como eixo as histórias humanas que lhes dão dramaticidade, no sentido narrativo (LIMA, 2016, p. 3).

Assim como os encantáveis romances de ficção, os textos de jornalismo literário realizam um trabalho duplo, ou seja, para Lima (2016, p. 30), é preciso contar bem uma história, como também investir em reflexão. "Seu horizonte temporal é elástico, não se prende à atualidade restrita que impera na maior parte da produção jornalística convencional. Seu alcance é do tempo contemporâneo".

Contudo, as novas gerações permanecem buscando pelas boas histórias, as da vida real. Histórias essas que se deslocam de lugares e tempos, estando sempre nas diversas épocas contemporâneas, assim como colocou Pena (2006) na sétima ponta da metáfora da estrela do jornalismo literário.

No olhar da autora Nídia Sofia Faria (2011), a narratividade, enquanto representação do real, liga evidentemente o jornalismo e a literatura.

Tal como a obra literária, o jornal conjuga a facticidade e a teatralidade, e é ao adotar um estilo próximo do literário que o jornalista consegue proporcionar, em simultâneo, não só reflexão, mas também entretenimento e prazer ao leitor — neste caso, o prazer que advém da leitura. (FARIA, 2011, p. 8).

O jornalista permanece sempre atualizado para estar informando, e mantém-se atento para agradar ao público. Entretanto, sempre buscando não ultrapassar os limites da ética profissional. "Além da clareza e da certificação dos factos, o jornalista precisa ainda de atender à estética da sua escrita, isto porque a notícia deveria ser compreendida como “um género literário, como uma expressão estética" (FARIA, 2011, p. 8).

Ainda segundo Faria, um jornalismo mais literário, logo, mais criativo e sedutor, há a possibilidade de ser o melhor recurso de batalha para a imprensa livrar-se da crise enfrentada pela mídia. Isso ocorre devido ao agravamento dos novos meios de informação. Conforme Faria (2011, p. 10), "este é o caminho a percorrer pelo jornalismo moderno do século XXI, já rendido à beleza, à sensibilidade e à emotividade proporcionadas pela utilização de um registo literário".

Podemos afirmar, portanto, que o jornalismo e a literatura sustentam-se do real, entretanto em distintas intensidades. No olhar de Scliar (2002), o jornalismo nos revela que a objetividade é fundamental, mas é preciso ir diretamente ao ponto. Os autores consideram que a literatura é capaz de orientar em algo o jornalismo.

Em primeiro lugar, a cuidar da forma, a escrever e a reescrever. Também ensina a privilegiar a imaginação - mas não demais: realidade é realidade, ficção é ficção. O novo jornalismo foi uma experiência interessante, mas exagerou muito. Há sim, uma fronteira entre Jornalismo e ficção. Mas é uma fronteira permeável, que permite uma útil e amável convivência. (SCLIAR, 2002, p. 14).

O autor Octávio Paz é citado por Medel, quando fala que "O jornalismo, o romance e a poesia são gêneros literários distintos, cada um regido por sua própria lógica e estética". E

depois afirma e demonstra que "A boa poesia moderna está impregnada de jornalismo" (PAZ, citado por MEDEL, 2002, p. 20).

Fazer jornalismo significa contar a história do dia a dia. "O problema, hoje, é que cabe à mídia definir o estatuto de acontecimentos, determinar o que é notícia e, assim, o que é histórico e o que não é" (SATO, 2002, p. 33).

Fechamos com o que diz Silva (2002, p. 50). Para ele, escrever é dar forma, é calar. "A literatura é uma forma de dizer o mesmo com outras palavras. O jornalismo é um conteúdo dito de forma que se perca o mínimo".

Podemos dizer, portanto, que o jornalista machuca o escritor, assim como o escritor rejeita o jornalista. Nesse choque, feliz é aquele que dispõe a virtude dos dois. E com isso, passamos à análise para avaliar as virtudes do jornalismo e da literatura presentes nas reportagens coletadas como objeto desta pesquisa.

3. Análise

3.1 Reportagem: *Campos de Concentração na China*

Neste capítulo, iremos analisar três matérias publicadas pela revista *Superinteressante*, conforme apontado na Introdução. E para analisarmos, iremos utilizar o conceito da *Estrela de sete pontas*, do autor Felipe Pena, que está explicitada em seu livro *Jornalismo Literário*, de 2006. Este conceito nada mais é do que os diferentes itens indispensáveis para a formação de um conjunto jornalístico que características da literatura.

Para que esta análise seja feita de forma clara, iremos separar em tópicos cada "ponta da estrela" e relacioná-las com as características do jornalismo literário que serão observadas nas matérias, na mesma ordem descrita por Pena (2006).

Inicialmente, analisamos a matéria *Campos de concentração na China*, publicada em janeiro de 2021, e escrita por Tiago Cordeiro e Bruno Garattoni. A matéria aborda, resumidamente, sobre cerca de 1 (um) milhão de chineses e muçumanos que foram enviados para um dos 380 "campos de reeducação" na China, nestes últimos anos. Segundo as informações contidas na matéria, existem relatos de trabalhos forçados, torturas, experiências médicas e lavagem cerebral.

Como citado no capítulo anterior por Pena (2006), a **primeira ponta da estrela** consiste em potencializar os recursos do jornalismo, conforme encontramos neste trecho da matéria:

Mihrigul Tursun nasceu em 1989 na Região Autônoma de Xinjiang, no noroeste da China, onde vivem 22 milhões de pessoas. Doze milhões, ela inclusive, são da etnia uigur: um povo muçulmano cujo território foi ocupado pelos chineses no século 17 ("xinjiang" significa nova fronteira em chinês). Quando Mihrigul tinha 12 anos, se mudou para Guangzhou, no sul da China, onde cursou o ensino médio. Acabou por lá, onde fez faculdade de economia e arrumou emprego numa empresa que faz negócios com o Oriente Médio. Quando tinha 21 anos, ela viajou para o Egito, onde conheceu seu marido. Eles se casaram, Mihrigul teve trigêmeos e ficou por lá até 2015, quando resolveu voltar para a China, levando os filhos.

Além de serem utilizadas as técnicas do jornalismo diário, os autores da reportagem estão empregando novas formas de abordagem para desenvolver suas estratégias textuais, ou seja, descrevendo a vida da personagem. Descrição essa que é bastante comum na narrativa literária. Para Eagleton (2006, p. 3), na literatura, "talvez nos seja necessária uma abordagem totalmente diferente. Talvez a literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou "imaginativa", mas porque emprega a linguagem de forma peculiar". Isso quer dizer que ao se aproximar da literatura, o jornalismo também emprega uma linguagem que chame atenção a si própria e nesse trecho, como apontado pelo autor, contextualiza a história de vida do personagem da notícia.

Elas eram obrigadas a tomar comprimidos que as faziam desmaiar e um líquido branco que causava efeitos estranhos - hemorragias em algumas mulheres, e a interrupção da menstruação em outras. Mihrigul diz que nove colegas de cela morreram durante o tempo em que ficou presa. Ela chegou a ser levada para uma sala de tortura, onde foi eletrocutada. Sob pressão do consulado egípcio, as autoridades chinesas acabaram soltando Mihrigul após três meses. Mas havia uma última armadilha. "Duas horas antes de me informarem que eu seria solta, me deram uma injeção", disse ela em depoimento ao Congresso dos EUA (país onde obteve asilo e vive atualmente). Exames médicos revelam que Mihrigul havia sido esterilizada.

Observamos no trecho acima, a presença da **segunda ponta**, em que o autor não está mais preso ao *deadline*, ou seja, a conhecida hora de entregar a reportagem, pois a reportagem é rica de informações, assim, necessitando de muita pesquisa. Conforme Pena (2006), "A segunda ponta da estrela recomenda ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano", contextualizando as informações.

No trecho seguinte, destacamos a **terceira ponta**, a qual Pena revela que seu compromisso é de ultrapassar os limites e possibilitar uma ampla visão da realidade. Desta forma, retrata o que realmente aconteceu durante os anos de vida da fonte/personagem quando voltou para a China depois de casada.

Foi presa assim que chegou ao país, sem saber o motivo. As crianças foram levadas pelas autoridades. Quando Mihrigul foi solta, três meses depois, descobriu que uma delas havia morrido, e as outras duas tinham sinais de maus-tratos. Ela foi impedida de deixar a China e ficou morando em Xinjiang, onde foi novamente presa em 2017: mais três meses, divididos entre uma cadeia e um hospital psiquiátrico.

Através dessa entrevista, podemos notar que ela é capaz de fazer com que o leitor não seja obrigado a ficar preso em uma única interpretação, ou em apenas um aspecto da vida da personagem, ou seja, somos levados a enxergar vários outros pontos que nos fazem achar que esta reportagem não passa de uma história ficcional. A escrita jornalística nos revela sempre que a realidade poderá ser representada também como ficção. Conforme Lima (2016, p. 3), o jornalismo literário realiza uma "viagem narrativa utilizando uma série generosa de formatos distintos". O autor inclui o perfil, a reportagem temática, o texto de viagem e o ensaio pessoal, ou seja, apropria-se "às vezes de gêneros oriundos de outras fontes literárias, mas abraçados pelo estilo do jornalismo literário". No relato, portanto, observamos características do perfil.

Para caracterizarmos a **quarta ponta** da estrela, que Pena (2006) destaca sobre exercer a cidadania, separamos o seguinte trecho:

Segundo as autoridades, lá as pessoas aprendem mandarim e têm acesso a cursos de requalificação profissional. Mas essa versão não tem colado. Em outubro de 2020, um grupo de 39 países liderado pela Alemanha fez um protesto na ONU, conclamando a China a "respeita os direitos humanos, particularmente os direitos de pessoas pertencentes a minorias religiosas e étnicas, especialmente em Xinjiang e no Tibete".

Esse trecho informa que 39 países uniram-se para realizar um protesto na ONU e exigem os direitos humanos das milhares de pessoas que foram presas pelo governo chinês, ou seja, a manifestação nos mostra um compromisso com a sociedade, um bem comum e solidariedade. Conforme Lima (2016, p. 2-3), "o jornalismo noticioso está muito bem quando entrega ao receptor da mensagem conteúdos que dão conta de informar a realidade imediata. Esta é sua função nobre, este é seu papel fundamental, essa é sua promessa implícita à sociedade".

Cerca de 1 milhão de chineses muçulmanos já foram mandados para um dos 380 "campos de reeducação" construídos nos últimos anos. Há relatos de tortura, trabalhos forçados, lavagem cerebral e até experiências médicas.

Nesta matéria, segundo o trecho acima, que abre a reportagem, identificamos a presença da **quinta ponta**, em que ela rompe com o uso do *lead*, ou seja, a matéria não iniciou respondendo exatamente as seis perguntas: Quem? O quê? Como? Onde? Quando? Por quê?

Seguindo, destacamos a **sexta ponta**, que conforme Pena (2006), serve para evitar as fontes primárias, ou seja, os famosos entrevistados oficiais, como governantes, advogados ou qualquer pessoa que seja de cargo público e importante. Nessa ponta, também pode-se inserir a própria personagem da história, que é uma fonte popular.

Encontrei senhores de mais de 70 anos que choravam sem parar, lembrou. Um de seus alunos era um dos homens mais ricos da região onde vivia. Ao fim de uma aula, pediu a ela alguns segundos para olhar pela janela, para ver a luz do sol à qual não tinha acesso da cela. Desapareceu de um dia para o outro. Ela descobriu depois que o homem morreu de hemorragia cerebral. Sidik também soube das cirurgias de esterilização realizadas em mulheres de idades variadas, de adolescentes a idosas. A professora acabou sendo deslocada para outro campo de detenção. E aí, mesmo já tendo 50 anos de idade, também foi submetida a uma cirurgia de esterilização. "Sangrei muito, passei um mês no hospital". Em 2019, ela acabou conseguindo autorização para ir embora da China, e hoje vive na Holanda.

Conforme os autores, Wellek e Warren (2003, p. 19), entre as características da literatura está a "maneira como até mesmo o diálogo supostamente realista é selecionado e conduzido na maneira como os personagens entram e saem do palco". Isso está presente, pois ao

observamos este pedaço da reportagem trata-se de uma professora que relata o que viu e o que passou nas mãos do governo chinês. Percebe-se que o jornalista narrou com detalhes à medida que a fonte/personagem contentava-se em apenas relatar o que ela viveu na situação, ao mesmo tempo o autor faz o uso da fala da entrevistada.

A **sétima ponta** destaca a perenidade, ou seja, a obra precisa da utilização técnica do jornalismo literário, não podendo ser efêmera. Seu objetivo é a permanência. Segundo Pena (2006), em relação a perenidade, "Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência".

Desta forma, conforme os trechos destacados da matéria, podemos expor que esta não é efêmera, por tratar-se de um assunto que não morre de um dia para o outro, sendo uma abordagem perene, permanecendo importante para o seu público-alvo ao longo do tempo, ou seja, quem tem interesse pelo assunto. A matéria analisada, pode ser lida tanto hoje, quanto daqui há 10 anos, pois não se trata de ser factual.

Portanto, para que esta transição entre jornalismo e literatura se convertesse no jornalismo literário, ela só foi possível a partir da formação do *New Journalism*. De acordo com Resende (2002, p. 35), "somente nesse contexto faz-se possível pensar num discurso que, além de ser factual, almeja a ficção; além de ser ficcional, alimenta-se do jornalístico".

Para finalizar, conforme Amora (1973, p. 49-50), "é importante saber que é literatura e a não-literatura, pois são maneiras muito diferentes de expressar a realidade, e não querem incorporar a seu espírito uma expressão da realidade, sem saber da natureza e do valor dessa expressão". Desta forma, o jornalismo estará diferenciando-se da literatura por meio da expressão, uma vez que a sua é datada. Contudo, não devemos considerar o jornalismo como inferior ao da literatura, visto que possuem diferentes expressões e são vinculadas ao mesmo gênero, as letras. Alcançam os seus objetivos através dos mesmos meios. Entretanto, cada uma tem o seu próprio tempo.

3.2 Reportagem: *O Gambito do Rei: Bobby Fischer e a era pop do xadrez*

Nesta segunda análise, coletamos a reportagem *O Gambito do Rei: Bobby Fischer e a era pop do xadrez*, publicada em fevereiro de 2021, pela revista *Superinteressante* e escrita por Rafael Battaglia. A matéria relata a história de uma criança talentosa que vivia no Brooklyn, em

Nova Iorque, nos EUA, e em 1972 desafiou os longos anos da soberania soviética no xadrez. Este desafio tornou-se a Guerra Fria dentro do jogo, conforme comparação relatada no texto. O confronto ficou popular até mesmo no Brasil. Narra o duelo entre Fischer e Spassky, que aconteceu em 1972, sendo este o primeiro confronto entre os Estados Unidos e a União Soviética em uma final de xadrez. Seguimos com esta análise, por meio do conceito da *Estrela de Sete Pontas*, de Felipe Pena (2006).

A **primeira ponta** potencializa os recursos do jornalismo. Encontramos as qualidades deste conceito no seguinte fragmento:

Em uma entrevista no talk show de Dick Cavett, meses antes da final, Bobby simulou no tabuleiro a vitória contra Petrosian na Argentina. Egocêntrico, falava largado na poltrona e batia as peças com violência no tabuleiro, como se elas lhe devessem dinheiro. Cavett perguntou: "Se Spassky empatar todos os jogos de propósito, ele continua com o título. Um Grão-Mestre faria isso?" "Claro que faria. Mas eu não vou deixar". A data se aproximou. E a mídia deu atenção inédita: após anos de soviéticos disputando o troféu entre si, a Guerra Fria finalmente seria encenada no tabuleiro.

É possível observamos que o jornalista traz as técnicas jornalísticas para a matéria, como a boa apuração dos acontecimentos, ao passo que utiliza a narração como uma nova estratégia de abordagem, assim expressando e detalhando os acontecimentos. Segundo Bulhões (2007, p. 40):

Produzir textos narrativos, ou seja, que contam uma sequência de eventos que se sucedem no tempo, é algo que inclui tanto a vivência literária quanto a jornalística. E a narratividade possui conexão estreita com a temporalidade, o que significa dizer que se contam eventos reveladores da passagem de um estado a outro.

O jornalista abre mão da objetividade, embora, na narratividade, ele faz o uso da terceira pessoa. Desta forma, descreve o personagem, remontando o acontecimento depois de muitos anos. Conforme Pena (2006, p.13-14), sobre a primeira ponta, "o jornalista literário não ignora o que aprendeu no Jornalismo diário. Nem joga suas técnicas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais".

Para salientarmos a respeito da **segunda ponta**, a qual recomenda romper com algumas características do jornalismo atual de narrar acontecimentos do cotidiano, da periodicidade e atualidade, separamos o trecho a seguir:

O finiquito virou piada no mundo todo: "Se Fischer gostar da iluminação, não implicar com o peso das peças, achar boa a distância que os espectadores manterão e aprovar o ar de Reykjavik, então tudo estará bem. E começará hoje, às 17 horas (de Brasília), o primeiro dos 24 jogos entre ele e Boris Spassky pelo título mundial de xadrez". Isso é um texto que saiu na Folha de S. Paulo em 11 de julho de 1972. Sim, na Folha. Xadrez, na época, era assunto para jornal.

Para Pena (2006, p. 14), o texto "não está mais enjaulado ao pelo *deadline*, a famosa hora de fechamento do jornal ou da revista, quando inevitavelmente deve entregar sua reportagem". Conforme destacado, assim como toda a extensão da matéria, nos revela ser um texto que traz informações que, em algum momento da história, já foi uma informação atual, revisitada para contextualizar fatos históricos, o que só pode ser feito com tempo para pesquisar. Por outro lado, não há a necessidade de fazer com que o leitor seja obrigado a consumir o seu conteúdo de forma instantânea. Apesar de se referir a respeito de um assunto interessante, esta reportagem pode ser lida tanto hoje, quanto daqui há dez anos, visto que, não trata-se de uma informação factual.

De acordo com Castro (2002, p. 82), "o saber literário, com efeito, promove um contraste salutar entre o real e o irreal, no frágil equilíbrio entre a austeridade do factual e a variedade etérea do fantástico". Isso nos leva à **terceira ponta** da estrela, que nos traz a ampla visão da realidade.

O seguinte parágrafo da reportagem nos revela a maneira como os jogadores agiam durante um campeonato, assim como a forma que as notícias eram publicadas nos jornais, relacionando com o jornalismo literário. Este nos apresenta as informações de maneira detalhada e mastigada, e, assim, ela nos exhibe outros fatos e os compara com diversos pontos de vista.

Foi a primeira vez que Fischer jogou o gambito na vida. Spassky até ouviu boatos de que isso aconteceria e preparou uma defesa com a qual era invicto. Mas não foi suficiente. Fischer navegou a estratégia alienígena com perfeição e dominou o jogo do começo ao fim. Foi aplaudido de pé, inclusive por seu oponente. Dick Cavett comparou o evento ao Super Bowl, a final do futebol americano.

Para Pena (2006, p. 14), "a preocupação do jornalismo literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível - o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal".

Para destacarmos a **quarta ponta**, que aborda a formação do cidadão e do bem comum, percebemos isso no seguinte trecho:

Havia um herói nacional recente para exaltar: Mikhail Chigorin, que esteve no top 5 mundial no final do século 19 e batizou vários lances. Logo, o xadrez foi incorporado ao treinamento de todos os recrutas das Forças Armadas. [...] "O encorajamento oficial fez do xadrez um componente cultural significativo na vida dos cidadãos".

Neste fragmento, podemos identificar que a matéria nos revela que o xadrez é um jogo que auxilia na formação da cidadania, oferecendo acesso aos valores éticos e morais, que de alguma forma possibilita levar impacto na vida das pessoas e à comunidade. Assim como exercitar a ação e a habilidade de saber liderar e ser liderado, como o caso das Forças Armadas, citada na matéria. De acordo com Souza (2007, p. 30), o texto literário traz elementos "identificados ou com a vida e a personalidade do escritor, ou com o contexto social da produção da obra".

No trecho que inicia a matéria: *A Rússia é para o xadrez o que o Brasil é para o futebol. A diferença é que eles nunca levara um 7x1. O histórico de paixão é longo: Ivan, o Terrível, estava jogando uma partida quando um derrame o matou, em 1584*, podemos identificar a presença da **quinta ponta** da estrela, ou seja, que o jornalista rompe com o uso do *lead*, assim, fugindo dos padrões e das técnicas convencionais do jornalismo, aplicando as técnicas literárias em sua construção narrativa.

Conforme Castro (2002, p. 82), "escritores e jornalistas participam assim do mesmo universo: o da narração. Descritores de fatos, coisas, cenas, lembranças e idéias, vivem de contar e escrever histórias, geralmente sobre o frágil suporte do papel".

De acordo com Resende (2002, p.75), no *New Journalism*, Wolfe gostava de misturar as diferentes vozes, ou seja, desconsiderando o princípio da objetividade jornalística. "A narrativa acontece tanto na terceira quanto na primeira pessoa. A princípio ele descreve uma personagem, já dando sinais de sua presença na cena", como podemos observar desde o *lead* desta reportagem.

Na **sexta ponta**, que é evitar os entrevistados primários, ou seja, aqueles que são procurados direto pelos veículos de imprensa, como: advogados, políticos e policiais. Nesta matéria identificamos a presença de um historiador como fonte anônima ou cidadão comum.

O Partido Comunista acreditava que o xadrez poderia ser de grande utilidade para elevar o nível cultural das massas trabalhadoras", escreveu o historiador Michael A. Hudson.

Segundo Pena (2006), são fontes necessárias para abordar os diferentes pontos de vista e, assim, desenvolver diferentes alternativas para a produção textual.

Concluindo, a **sétima ponta** busca pela perenidade e conseguimos encontrar este tópico no trecho a seguir:

O xadrez surgiu a partir de um jogo indiano do século 6, chamado chaturanga - que tinha um elefantinho no lugar do bispo. Chegou aos persas, espalhou-se pela Ásia e entrou na Rússia pela Sibéria no século 9. Deu match com o temperamento russo e virou o passatempo preferido da aristocracia imperial. Mas só caiu de vez no gosto do povo séculos depois, de maneira premeditada - quando foi transformado em arma política pelos soviéticos.

Segundo Menezes (1997, p. 18), "o jornalista é o homem do seu tempo". A perenidade está permeada na reportagem, na medida em que narra um acontecimento histórico, trazendo ao conhecimento do público atual. Desta forma, é possível observarmos que se trata do surgimento do xadrez. De acordo com Pena (2006, p. 15), "um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo". Isso pode ser comparado ao jornalismo, ao trazer o contexto de um período histórico.

Portanto, podemos dizer que em qualquer momento somos capazes de fazer a leitura desta matéria, pois ela não é factual. Não necessita estar em constante atualização, como por exemplo uma receita de comida. Como são conteúdos que não se alteram, eles não morrem com o passar do tempo. Conforme Menezes (1997, p. 30), "nessa luta, a luta pela conquista ou reconhecimento da liberdade, o jornalista tem papel destacado. Sua contribuição está cada vez mais a exigir dele a posse e o domínio de um instrumento que não era do conhecimento senão de uma pequena parcela dos jornalistas do passado".

Concluindo, o jornalista, sem as condições do gênero literário, continua obedecendo as outras imposições, ou seja, acaba não se afastando da precisão jornalística, muito menos da simplicidade e utiliza uma linguagem em uma época de completa liberdade de informação.

3.3 Reportagem: *Novichok: O veneno secreto*

Para esta última análise, coletamos a matéria da revista *Superinteressante Novichok: O veneno secreto*, publicada em março de 2021, por Bruno Garattoni. Esta matéria especial aborda, a exemplo da anterior, o contexto da Guerra Fria, mais especificamente sobre os Estados Unidos tentar confundir a União Soviética, a partir de um vazamento de informações em relação a uma arma química extremamente letal.

Apesar dos relatos, esta arma nunca existiu e não seria possível ser desenvolvida. Entretanto, os russos conseguiram fabricar o gás, e ele pode ter sido utilizado atualmente contra duas pessoas inimigas do Kremlin. Seguimos novamente, com o uso do conceito da *Estrela de Sete pontas*, do autor Felipe pena.

Conforme a **primeira ponta**, o jornalista não deixa de lado as técnicas jornalísticas, ele apenas constitui novas formas de escrita e abordagem para a sua reportagem, como podemos observar no trecho a seguir:

Numa noite de agosto de 1959, como fazia toda semana, o russo Boris M. Polikarpov foi jogar vôlei na sede da Associação Cristã de Moços (YMCA) em Washington. Ele se apresentava como “Mike” e dizia que era adido militar (espécie de diplomata que trabalha nas Forças Armadas), mas na verdade era outra coisa: um agente da GRU, a divisão de espionagem do Exército russo. Quando a partida terminou, ele se aproximou de outro jogador. Era um sargento do Exército americano, vestido de uniforme, que curti a brisa de verão sentado nos degraus. Os dois nunca haviam se falado. “Você já jantou?”, perguntou Polikarpov. O americano aceitou o convite e foram até um restaurante ali perto. O sargento se chamava Joe Cassidy e trabalhava na usina nuclear de Fort Belvoir, na Virgínia.

Podemos perceber que ele rompe com a escrita jornalística tradicional, assim como com a própria estrutura do texto, no momento em que descreve os personagens e relata de maneira especificamente informativa. Desta forma, a reportagem contém um texto que mostra

uma realidade, mas com moldes ficcionais. Conforme Pena (2006, p. 21), "não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de Jornalismo, nem de Literatura, mas sim da melodia".

O factual e o ficcional vão se inter cruzando, ao passo que juntam todas as partes formando o texto. Apresentam os personagens como jogos de montar e, à medida que a história vai acontecendo, a vida dos personagens vão sendo montadas.

A **segunda ponta** sugere distanciar-se dos acontecimentos rotineiros do dia a dia, interligando-se com a **terceira ponta**, a qual amplia a visão da realidade, como observado no seguinte trecho.

Em outubro, técnicos da Organização para a Proibição de Armas Químicas (OPCW), uma divisão da ONU, analisaram amostras de sangue e urina de Navalny. E concluíram que os biomarcadores encontrados “têm características estruturais semelhantes” às do grupo de substâncias conhecidas como novichok. Desenvolvido nos anos 1970 e 1980, o novichok (a palavra significa “novato”, em russo) é cinco a oito vezes mais letal do que o gás VX – até então a arma química mais potente do mundo. E Navalny não foi seu único alvo recente. Em 4 de março de 2018, o ex-espião russo Sergei Skripal e sua filha Yulia foram encontrados inconscientes no banco de um parque na cidade britânica de Salisbury, onde viviam. Ambos sobreviveram, mas ficaram em estado crítico durante semanas. Haviam sido envenenados com novichok.

Percebe-se que os personagens são reais, contudo são apresentados quase sendo personagens de ficção científica, ou seja, é apenas a partir dos dados expostos na matéria, que é possível identificar como sendo uma história verídica. Isso pode ser relacionado à narrativa de Wolfe, pois suas notícias jornalísticas soltavam-se das amarras do discurso tradicional, expandindo para outros meios. Para Resende (2002, p. 79), "apesar de *estender* o fato, às vezes até ao ponto de ficcionalizá-lo - não se esquivava dos recursos jornalísticos que também o sustentavam".

Ou seja, assim como a narrativa de Wolfe, a partir do trecho destacado da matéria, sabemos que se trata da realidade, visto que contém nomes, locais e endereços. Portanto, estas informações, contribuem para que possamos fazer uma associação ao jornalismo.

Conforme a **quarta ponta**, é preciso exercer a cidadania, uma prática que para muitos torna-se esquecida. De acordo com o trecho apontado a seguir, é possível encontrarmos tal conceito:

Mirzayanov, que se mudou para os EUA em 1995, diz que escreveu seu livro justamente para denunciar o perigo do "uso dual" desses compostos, que podem ter aplicações legítimas mas também virar armas de destruição em massa. "Quando um novo agente químico está sendo fabricado, a fórmula civil correspondente também é preparada. Por exemplo, um pesticida. Esse é o jogo", afirma ele. "Qualquer potencial violador da Convenção pode usar fábricas civis para a produção. E essas fábricas podem não ter nenhum conhecimento de que estão produzindo precursores para armas letais." Em suma: mesmo proibidas no mundo todo, as armas químicas continuam sendo uma ameaça. "Não sabemos se algum outro país tem o conhecimento e a capacidade de produzir esses agentes ou similares. É evidente que os governos de países onde os novichoks foram usados (ou suspeitos de ter sido usados) analisarão os agentes para melhorar seu conhecimento e segurança", diz Stephens.

A partir do trecho acima, podemos observar que o personagem Mirzayanov, baseado nos perigos do *novichok*, realizou uma boa prática ao publicar um livro denunciando as ameaças desta arma química. À medida que essa possa vir se tornar uma arma de destruição. O livro publicado, além de colaborar com dados importantes, expõe e compartilha com a população informações que muitas vezes são consideradas sigilosas.

De acordo com Pena (2006, p.61), "guardadas as devidas diferenças de estilo e procedências, todos fazem parte de uma geração cujo engajamento em questões sociais é condição essencial para o exercício da profissão. Mais do que jornalistas, eles são ativistas". Ao passo que informações como essa são liberadas, diversos profissionais se alertariam e melhorariam a segurança no trabalho, pois sem perceber podem estar expostas a inúmeras ameaças à sua saúde ou integridade física. Por falta de informações e conhecimento, muitas empresas não sabem que se encontram produzindo ou estando em contato com armas letais. Desta forma, a partir do livro publicado, estará ajudando à população a conter prováveis riscos existentes em seu cotidiano.

Segundo a **quinta ponta**, é preciso escapar do *lead*, ou seja, o jornalista precisa deixar de lado a objetividade. Segundo Pena (2006, p. 15), "a pasteurização dos textos é nítida. Falta criatividade, elegância e estilo. É preciso, então, fugir dessa fórmula e aplicar técnicas

literárias de construção narrativa". Como podemos observar no trecho a seguir, o qual inicia a matéria:

Alexei Navalny acordou bem cedo e foi direto para o aeroporto de Tomsk, na Sibéria, sem tomar café da manhã. Por volta das 7h, comprou um chá e ficou esperando para embarcar no voo de volta para Moscou. Tirou uma selfie, sorridente, com pessoas que o reconheceram no aeroporto – Navalny é blogueiro e político, de oposição ao governo Putin. O avião decolou às 8h, e logo ele percebeu que não estava bem. Entrou no banheiro e ficou lá dentro por 20 minutos, vomitando, até que as aeromoças bateram na porta. Navalny deitou no corredor do avião e entrou em pânico. Começou a gritar, aparentemente de dor, e às 9h20 o piloto decidiu fazer um pouso de emergência no aeroporto mais próximo, na cidade de Omsk. Mas o tempo estava ruim, e o avião só conseguiu aterrisar às 10h. Navalny foi levado direto para o hospital, onde entrou em coma. Por insistência da família, foi transferido para Berlim, onde continuou internado. Só acordou do coma em 7 de setembro de 2020, 17 dias após o fatídico voo.

No lead, podemos perceber que o jornalista aparece como um escritor que descreve as narrativas cotidianas. Desta forma, ele passa a ter um olhar observador e detalhista, e estimula o leitor a ver, "de fora", uma história sendo desenrolada. Resende (2002, p. 63) destaca que "os 'artistas da não-ficção', além de serem presenteados pela emergência dos fatos que se sucediam insistentemente, encontravam-se num campo livre, tendo à disposição técnicas que, segundo eles, fariam aproximar a narratividade da realidade".

Resende (2002, p. 97) critica que esta mescla de estilo literário com as informações jornalísticas acabam confundindo o leitor, à medida que eles não conseguem identificar onde inicia e onde acaba a realidade. "Não há enunciação que possa esconder o fato de que, ao ler o jornal, o leitor procure a fonte, sinal da verdade que aquele texto impõe". Portanto, segundo o autor, cabe ao leitor definir, se é fato ou ficção. Nesse sentido, pode-se dizer que é reportagem de um fato, mas escrita de forma a prender o leitor, na medida em que utiliza técnicas literárias.

Para a **sexta ponta**, que evita os entrevistados de plantão, encontramos na matéria a análise do professor de farmacologia da Universidade de Reading, no Reino Unido. De acordo com Pena (2006, p. 15), "como não há tempo no Jornalismo diário, os repórteres sempre procuram os personagens que já são legitimados neste círculo vicioso. É preciso criar

alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados".

“Como eles são estritamente protegidos, não sabemos realmente quantos existem”, diz Gary Stephens, professor de farmacologia da Universidade de Reading, no Reino Unido, e especialista em armas químicas. “Embora possam ser uma variedade de agentes, todos eles atacam a enzima acetilcolinesterase, o que causa sintomas característicos.” Também não se sabe se todas as fórmulas são binárias. Os novichoks são mais potentes do que as outras armas químicas porque suas moléculas se ligam mais facilmente à tal enzima. “São necessárias menores quantidades de novichok do que de VX para afetar o alvo”, explica Stephens.

As fontes transportam as informações aos jornalistas. Elas podem ser pessoas ou documentos. Através das fontes, os jornalistas tomam conhecimento dos acontecimentos e certificam-se da veracidade das informações que lhe foram apresentadas. Sobre a relação entre jornalista e fonte, Pena (2006, p.60) destaca o seguinte:

'O novo jornalista novo se envolve até o talo com sua matéria e seus entrevistados. É o que os teóricos chamam de *close-to-the-skin reporting*, cuja tradução mais literal seria reportagem perto da pele. É preciso sentir os poros abertos, a trilha epidérmica, o cheiro do suor.

Difícilmente os jornalistas assistem aos acontecimentos, e por este motivo, recorrem às fontes. Mesmo assistindo os ocorridos, procuram uma fonte confiável para confirmar o que está sendo visto e dito.

Para ilustrar a **sétima ponta** da estrela, em relação à perenidade, encontramos na seguinte parte da matéria, que nos mostra um tema histórico a ser trazido ao debate e ao conhecimento através do jornalismo constantemente:

*Começava aí uma das mais longas missões de espionagem da Guerra Fria: a Operação Shocker. Durante os 23 anos seguintes, os americanos alimentaram espões soviéticos com documentos falsos, que falavam sobre armas que não existiam. Entre elas o GJ, um gás dos nervos (que ataca o sistema nervoso) cujo desenvolvimento havia fracassado. “Como parte da Operação Shocker, o governo americano passou cerca de 4.500 documentos sobre um novo tipo de agente nervoso organofosforado [feito de carbono e fósforo”, dizem os cientistas Benjamin Garrett e John Hart, especialistas em armas de destruição em massa, no livro *The A To Z of Nuclear, biological and Chemical Warfare* (“O A a Z das armas nucleares, químicas e biológicas”, não lançado no Brasil).*

Segundo Pena (2006, p. 15), "uma obra baseada nos preceitos do jornalismo Literário não pode ser efêmera ou superficial. [...] Na verdade a busca pela permanência reflete o segundo motivo mais importante para se escrever: o medo da morte. Ou seja, não basta escrever bem, é preciso seduzir e cativar o leitor.

Pode-se, portanto, observar ao longo desta análise os elementos do jornalismo literário. Ainda conforme Pena (2006, p. 17), "o Jornalismo Literário atraiu uma série de talentos que ousaram ultrapassar os limites da redação". Desta forma, a proposta é trabalhar a partir de textos que permeiam o real com o ficcional, para que assim possam mostrar o compromisso com o leitor, despertando seu interesse pela leitura.

Para finalizarmos esta análise, podemos relacionar o jornalismo com a literatura. Conforme Resende (2002, p. 93), "nesse contexto, o público ocupa seu espaço: via jornalismo, ele constrói suas narrativas cotidianas e, concomitantemente, via romance, estabelece uma relação de maior prazer com a leitura". Conseqüentemente, o jornalismo rompe com o tradicional, a partir do seu desejo de modificar o seu público leitor, mediante esta nova escrita como um romance.

4. Considerações Finais

Ao iniciarmos esta pesquisa, partimos do questionamento de que o texto jornalístico poderia expor um formato menos rigoroso para as notícias, ou seja, apresentar maior liberdade em seus textos, portanto utilizando o gênero literário. Na pesquisa bibliográfica, trouxemos autores que nos auxiliaram em nossos questionamentos, como Pena (2006), através do conceito da Estrela de Sete Pontas, que usamos como base para esta pesquisa. Após as análises realizadas das matérias da revista *Superinteressante: Campos de Concentração na China, O gambito do rei e Novichok: O veneno secreto*, conseguimos confirmar a presença da narrativa literária nestes textos jornalísticos.

A partir destas reportagens analisadas, podemos observar que os textos apresentam a utilização dos recursos literários, trazendo todos os elementos descritos na Estrela de Sete Pontas, tanto no conteúdo quanto na expressão. Desta forma, comprovando que jornalismo e literatura podem trabalhar juntos. O jornalismo literário não apresenta apenas uma notícia, mas

uma história. A informação surge com enredos, personagens, detalhes e um contexto que não seria criado no jornalismo tradicional.

A literatura recria a realidade com referência de histórias/contos, enquanto o jornalismo compõe seu texto através da verdade absoluta e objetiva dos fatos. Enquanto isso, grande parte dos textos jornalísticos estão presos nas técnicas tradicionais e são produzidos de forma direta em relação aos acontecimentos. A partir das análises, observamos que o texto jornalístico permite esta narrativa literária, dando mais vigor à narrativa e prendendo a atenção do leitor. Entretanto, segue a forma de cada um, mas com características desse encontro do jornalismo com a literatura.

Por meio dos critérios da Estrela de Sete Pontas, identificamos que os recursos literários que mais apresentam nas matérias analisadas são: foco narrativo, sequência dos fatos e o tempo, além das personagens. Desta forma, estes recursos podem estar em ambos os gêneros, isto é, as reportagens analisadas apontam semelhanças na narratividade, como os contos para os textos literários e esse tipo de reportagens no mundo do jornalismo. Nesse sentido, podemos comparar ao que diz Zilberman (2008) sobre o fato de que a literatura não foi sempre igual e o modo de pensa-la vai se diversificando. No jornalismo esse repensar deve sempre acontecer para bem informar o público.

Ao final desta pesquisa concluímos que há uma vinculação entre o texto jornalístico e o literário, ou seja, a objetividade com a subjetividade, a efemeridade com a perenidade e a realidade narrada como se ficção fosse. Assim sendo, a literatura deve ser destacada como fonte de sabedoria para os jornalistas. Assim, reunindo as técnicas de produzir notícias em uma linguagem diferente para a publicação de seu conteúdo. Desta forma, por outro lado, a literatura pode empregar as técnicas jornalísticas, como a objetividade dos acontecimentos e apuração rigorosa, como a criação narrativa de um romance histórico.

Referências

AMORA, Antônio Soares. **Introdução à teoria da literatura**. Ed.2. São Paulo. Cultrix, 1973.

BATTAGLIA, Rafael. Superinteressante. **O Gambito do Rei: Bobby Fischer e a era pop do xadrez**. Ed. 424 - São Paulo: Abril, 2021.

BORGES, Rogério. **Jornalismo Literário** - análise do discurso. Série Jornalismo a Rigor. Vol. 7. Editora Insular. Florianópolis. 2013.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. Editora Ática. São Paulo. 2007.

CORDEIRO, Tiago. GARATTONI, Bruno. Superinteressante. **Campos de Concentração na China**. Ed. 423 - São Paulo: Abril, 2021.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma introdução**. Tradução: Waltensir Dutra. 6. ed - São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FARIA, Nídia Sofia, «**Jornalismo literário: um olhar histórico para o gênero e suas características**», Comunicação Pública [Online], Especial 01E | 2011, posto online no dia 20 novembro 2013, consultado o 12 maio 2021. URL: <http://journals.openedition.org/cp/210>; DOI: <https://doi.org/10.4000/cp.210>.

GARATTONI, Bruno. Superinteressante. **Novichok: O veneno secreto**. Ed. 425 - São Paulo: Abril, 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11.ed - Rio de Janeiro: DP&A. Rio de Janeiro. 2006.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O Jornalismo e a academia no Brasil: fragmentos de uma história**. Revista FAMECOS (Online). Porto Alegre, vol. 23, 2016: Jornalismo Literário.

LIMA, Raphaella Gomes De. **O New Journalism: Análise do padrão das produções do gênero jornalístico**. Universidade Federal de Juís de Fora - Faculdade de Comunicação Social. Juíz de Fora. 2016.

MEDEL, Manuel Ángel Vásquez. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In.: CASTRO, Gustavo de. GALENO, Alex (orgs). **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, p. 15-28, 2002.

MENEZES, Fagundes de. **Jornalismo e literatura**. Rio de Janeiro, Razão Cultural, 1997.

OLINTO, Antônio. **Jornalismo e Literatura**. Porto Alegre, Já Editores, 2008.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo, Contexto, 2006.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias: Linhas de análise do discurso jornalístico**. Florianópolis: Editora Insular, 2005. p.47.

RESENDE, Fernando Antônio. **Textuações: ficção e fato no novo jornalismo de Tom Wolfe**. São Paulo, Annablume, FAPESP, 2002.

RITTER, Eduardo. **New Journalism: o ponto de convergência entre jornalismo e literatura**. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Londrina. 2011.

SATO, Nanami. Jornalismo, literatura e representação. In.: CASTRO, Gustavo de. GALENO, Alex (orgs). **Jornalismo e Literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, p. 29-46, 2002.

SCLIAR, Moacyr. Jornalismo e literatura: a fértil evidência. In.: CASTRO, Gustavo de. GALENO, Alex (orgs). **Jornalismo e Literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, p. 13-14, 2002.

SILVA, Juremir Machado. O que escrever quer calar?: Literatura e jornalismo. In.: CASTRO, Gustavo de. GALENO, Alex (orgs). **Jornalismo e Literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, p. 47-52, 2002.

SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. **Teoria da Literatura**. 10.ed. São Paulo: Ática, 2007.

SUPERINTERESSANTE, **15 anos de Super**. São Paulo: 31 ago 2016, consultado em 14 junho 2021. URL: <https://super.abril.com.br/historia/15-anos-de-super/>

WELLEK, René. WARREN, Austin. **Teoria da Literatura e metodologia dos estudos literários**. Tradução: Luis Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2003

ZIBERMAN, Regina. **Teoria da Literatura I**. Curitiba: IESDE Brasil S.A. 2008.

Agradecimentos

É com muito carinho que eu venho agradecer a Deus pela oportunidade concedida, pois sem Ele eu não teria forças para superar e concluir com sucesso este grande desafio. Por todas as bênçãos e a coragem concedida para poder colher todo esse sonho, pois não desistir é a marca de quem quer vencer.

Agradeço aos meus pais, por toda dedicação e esforço investido nos meus estudos, em especial à minha mãe Patrícia Ribas Siqueira de Lima, que me ensinou a nunca desistir, mesmo que tudo pareça ser impossível.

Ao meu namorado Lucas Elias Bento, que esteve comigo durante esta caminhada, que teve toda a paciência do mundo para me acalmar nos momentos mais difíceis e por falar diversas vezes: “eu sempre vou te apoiar e estar ao seu lado”.

Sou grata aos meus professores de Jornalismo da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul, que se dedicaram ao máximo nesta jornada. E um agradecimento especial para a minha professora e orientadora Darlete Cardoso, por todos os seus conselhos que colaboraram para o meu crescimento.

À uma das minhas melhores amigas, Milenia Nagildo, que durante esta etapa sempre me encorajou, passando mensagens de apoio e reflexão. Milenia fez com que esta fase da vida acadêmica se tornasse uma das mais divertidas.

Aos meus avós, que sempre estiveram ao meu lado, em especial minha avó Maria Iolanda, que sempre se manteve preocupada comigo, perguntando se estava levando agasalho ou se eu tinha algum lanche para levar na aula. Infelizmente ela nos deixou final do ano passado, mas sei que lá de cima ela está feliz e orgulhosa.

Por fim, agradeço a mim mesma, pelo meu esforço e por tudo que superei nesta importante etapa da minha vida, pois todos os meus resultados são frutos de muita dedicação, lágrimas e alguns caminhos difíceis. Melhor ainda é saborear o fruto da nossa própria dedicação.

Agradeço de coração todos que, de alguma forma, fizeram parte desta minha jornada. Nada disso seria possível sem vocês. Obrigada!



CURSO DE JORNALISMO - CAMPUS TUBARÃO

LUIZA DE LIMA HENNEMANN

**UMA PERSPECTIVA DA RELAÇÃO ENTRE JORNALISMO E LITERATURA:
ESTUDO DE CASO DA REVISTA *SUPERINTERESSANTE***

Este artigo foi julgado adequado à obtenção do grau de bacharel em Jornalismo e aprovado em sua forma final com média **9,0**, pelo Curso de Jornalismo da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão-SC, 01 de Julho de 2021.



Prof. Msc Darlete Cardoso (Orientadora)

Prof^ª. Dra Heloísa Junklaus Preis Moraes (Convidada)

Prof^ª. Msc Ronaldo Sant'Anna (Convidado)

• **Unisul - Universidade do Sul de Santa Catarina, Sede, Reitoria** - Av. José Acácio Moreira, 787,
Bairro Dehon - 88704-900, Tubarão, SC - Fone 48 3621.3000